

ALGUMAS ‘JÓIAS’ TIPOLOGICAS DE KOTIRIA (WANANO)

Kristine Stenzel¹

Kris.stenzel@gmail.com

RESUMO: Esse artigo oferece um pequeno perfil tipológico da língua Kotiria (Wanano, família Tukano Oriental), descrevendo tópicos como a) a interação entre segmentos e três supra-segmentos: nasalização, glotalização e tom; b) o sistema de classificação nominal; c) as principais funções semânticas de serializações de raízes verbais; d) a marcação diferencial de objetos (DOM); e e) as categorias de evidencialidade. Cada assunto é exemplificado a partir de uma narrativa, *Um Caçador e Seus Cachorros*, oferecendo ao leitor a oportunidade de observar a ocorrência dos fenômenos lingüísticos em discurso natural e de conhecer um pouco da cultura dos Kotiria.

PALAVRAS-CHAVE: língua Kotiria (Wanano); família Tukano Oriental; evidencialidade; marcação diferencial de objetos (DOM); classificação nominal; serialização de verbos; supra-segmentos.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo apresento alguns dos aspectos tipológicos mais intrigantes da língua Kotiria², uma das dezesseis línguas da família Tukano Oriental (TO). Entre as ‘jóias’ incluídas nesse pequeno perfil, mostro, na §2, exemplos da complexidade fonológica que resulta de interação entre o inventário segmental fonêmico e três supra-segmentos de nasalização, glotalização e tom; na §3, apresento a organização do sistema de classificadores nominais e discuto suas funções; analiso as principais funções semânticas de raízes verbais serializadas na §4; e na §5, mostro os padrões de marcação ‘diferencial’ de objetos; finalmente, na §6, discuto as cinco categorias que de marcadores ‘evidenciais’. A análise desses fenômenos é fruto de uma pesquisa com abordagem ‘descritiva-tipológica’ que procura, por um lado, descrever detalhadamente as estruturas e particularidades que definem essa língua como única, e por outro, reconhecer e iluminar traços estruturais que Kotiria

¹ Departamento de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Esse grupo é conhecido por vários nomes na literatura: Wanano/Uanano/Guanano. No entanto, nos últimos anos, lideranças das comunidades, professores e alunos da escola indígena Kotiria têm optado pela adoção do uso exclusivo de seu nome tradicional, que quer dizer ‘povo d’água’, para referência étnica e linguística, pedindo que pesquisadores e outros assessores externos respeitem e apoiem essa decisão política e expressão de auto-determinação e valorização cultural.

compartilha com outras línguas, assim contribuindo para o conhecimento tipológico das línguas naturais³.

A minha exposição recorre a uma pequena narrativa como fonte principal de exemplos. Com isso, procuro, por um lado, mostrar que as ‘jóias’ tipológicas apresentadas de fato permeiam o discurso natural, e, por outro, ofereço ao leitor uma melhor contextualização dos exemplos e a oportunidade de fazer uma pequena incursão em uma outra cultura. A narrativa⁴, *Um Caçador e Seus Cachorros*, foi contada por Ricardo Trindade Cabral, falante nativo de Kotiria de *Koama Poaye* (Carurú Cachoeira), em maio de 2001, e tem duração total de quatro minutos.

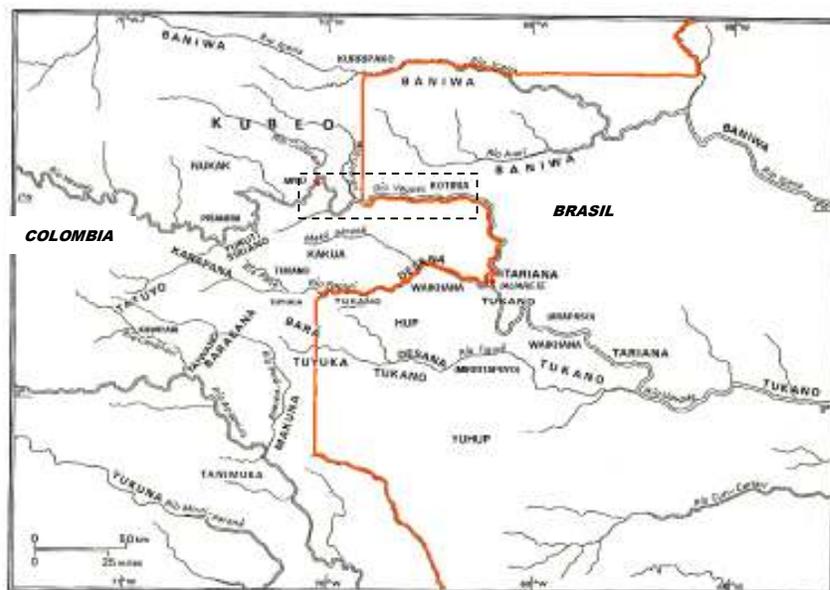
Essa narrativa conta a história de um homem ‘velho’ (quer dizer ‘adulto, pai de família’) que vai caçar com seus filhos na floresta. Eles levam seus cachorros, que correm na frente atrás de caça. Um cachorrinho logo desaparece e o homem vai à sua procura, mas não o encontra. Enquanto isso, o outro cachorro chega a um pequeno lago onde há um tronco de árvore caído. Chegando à beira do lago, o cachorro late e começa a atravessar pelo tronco caído. O homem ouve o latido e parte naquela direção, mas ao chegar ao local, ele encontra o cachorro sendo engolido por uma cobra enorme que havia se escondido num buraco do tronco caído. O homem chama os seus filhos, que também vêm correndo. Pegando sua velha espingarda, o homem atira na cobra, que vem saindo do buraco, vomitando o cachorro e emitindo um grito que soa quase humano. No final desse grito, de longe rio acima, ouve-se um outro grito — igualmente ‘humano’ — respondendo. O homem, que é quase um pajé e entende das coisas, então se da conta de que não atirou em uma cobra qualquer, mas em alguma espécie de ser mágico em forma de cobra. Ele atira de novo, corta o corpo da ‘cobra’ em pedaços, e os joga bem longe. Ele enterra o cachorro morto e todos voltam para casa. Chegando, o velho fuma e faz um benzimento protetor com a fumaça. Mas naquela noite, num sonho, ele é visitado pelo pai da cobra, que chega armado com arco e flechas e pergunta pelo paradeiro do filho. “Meu filho foi morto quando estava caçando,” diz o pai-cobra. “Venho vingá-lo.” O velho nega qualquer conhecimento dos acontecimentos e diz que nunca

³ A minha pesquisa das línguas Kotiria e Waikhana (Piratapuyo) recebeu apoio financeiro do Endangered Languages Fund, da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, da National Science Foundation, da NSF/NEH Documenting Endangered Languages Program, do CNPq, e do Hans Rousing Endangered Languages Documentation Program—ELDP/SOAS/University of London, bem como apoio institucional e logístico no Brasil do Instituto Socioambiental, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional e do Departamento de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ O texto completo, com análise interlinear, está incluído integralmente no Anexo I, que antecede as referências bibliográficas. Cada frase de texto é representada em quatro linhas: a primeira utiliza a ortografia prática dos Kotiria, a segunda apresenta a segmentação morfológica, a terceira as glosas, e na quarta linha ofereço uma tradução livre. Nos exemplos no decorrer da exposição, a linha referencial do texto é identificada entre parênteses, e.g. (T.2).

caça naquele lugar. O cobra-pai parte, mas o homem acorda assustado. De manhã ele se benze novamente e também benze seus filhos, advertindo-os para terem cuidado e não voltarem naquele lugar habitado por seres perigosos.

1. O POVO KOTIRIA E O CONTEXTO MULTILÍNGUE DO NOROESTE AMAZÔNICO



A REGIÃO DO UAUPÉS E A LOCALIZAÇÃO DOS GRUPOS ETNO-LINGUÍSTICOS

O povo Kotiria vive nas margens do rio Uaupés, no noroeste amazônico na fronteira entre Brasil e Colômbia. A bacia do Uaupés é conhecida como *locus* de multilinguismo que se manifesta em níveis regional, comunitário e individual, e por apresentar um sistema social baseado em exogamia linguística, descendência patrilinear e normas de virilocalidade. Em termos resumidos, nesse sistema, casamentos só são permitidos entre indivíduos que pertencem a grupos linguísticos distintos, ou seja, povos cuja identidade étnica tradicionalmente se baseia em grande parte pelo fato de falarem idiomas diferentes. Ao casarem, as mulheres passam a residir nas comunidades dos seus esposos e os filhos da união herdam a identidade étnica do pai e adotam sua língua como emblema desta identidade, mesmo que também adquirem proficiência na língua falada pela mãe. Assim, por toda a região do Uaupés, formam-se comunidades multilíngues, nas quais convivem homens de uma única etnia e mulheres de várias etnias (grupos ‘cunhados’) diferentes, cujas línguas passam a ser conhecidas, em grau maior ou menor, pelas crianças da comunidade (para descrições do sistema de exogamia linguística, ver Sorensen 1967; Jackson 1983; Gomez-Imbert 1991).

No entanto, nos últimos 300 anos (e de forma mais acelerada no último século), processos de mudança linguística têm resultado em uso diminuído ou até da perda total de algumas das línguas da região e, na maioria dos casos de grupos do Uaupés, na adoção da língua Tukano pelos grupos afetados. Mesmo assim, as normas de casamento entre grupos ‘cunhados’ específicos e as distinções tradicionais de identidade étnica permanecem, ancoradas, se não no uso *de facto* de línguas distintas pelas gerações atuais, pelo menos no reconhecimento do uso de idiomas distintos pelos seus ‘antepassados’ (Aikhenvald 1999; Stenzel 2005). Porém, apesar dessa perda linguística, ainda há muitas línguas em uso — mais de vinte, de três famílias linguísticas diferentes — e a natureza plurilíngue da região continua intacta, criando um contexto de contato linguístico ainda extremamente rico.

A população Kotiria está em torno de 1.600 indivíduos, com aproximadamente 70% residindo na Colômbia e 30% no Brasil (FOIRN & ISA 2006:43). A maior parte da população Kotiria ainda vive no seu território tradicional nas margens no alto rio Uaupés, entre a cachoeira de Arara e a cidade colombiana de Mitú⁵. A ocupação desse território pelos Kotiria é atestada em documentos históricos escritos em 1740 e há evidência arqueológica e de história oral regional que indica uma ocupação bem mais antiga, que pré-data a chegada do grupo Tariana no Uaupés há aproximadamente 700 anos (Amorim 1987; Neves 1988; Wright 2005).

No seu território tradicional, na margem noroeste da bacia do Uaupés, os Kotiria têm vivido em contato constante com o povo Kubeo (TO), ao noroeste, e com dois povos falantes de línguas da família Aruák (AR) — os Tariana do rio Uaupés e os Baniwa do rio Aiari⁶ — com os quais mantêm relações antigas de aliança e de casamento. Estudos preliminares apontam influência significativa aruák na língua Kotiria, fruto desse contato prolongado (Stenzel & Gomez-Imbert, no prelo), mas ainda aguardamos dados descritivos de outras línguas TO da região⁷ para podermos aprofundar análises comparativas e avaliar hipóteses relacionadas a esse cenário complexo de contato linguístico (e.g. em Aikhenvald 2002).

⁵ Segundo estudos recentes do Instituto Socioambiental, 140 Kotiria (approx. 9% do total) residem na comunidade de Iauaretê (Andrello, et. al. 2002) e 101 Kotiria (6% do total) vivem na cidade de São Gabriel da Cachoeira (FOIRN & ISA 2005). Não há estatísticas sobre o número de Kotiria que residem em Mitú.

⁶ Cujas comunidades são ligadas a comunidades Kotiria por trilhas terrestres relativamente curtas (ver Koch-Grünberg 1995:167-176, e Neves 1988)

⁷ Estudos descritivos das línguas Kubeo e Desano estão sendo desenvolvidos por Wilson Silva e Thiago Chacon, respectivamente, ambos da Universidade de Utah, nos EUA.

2. SEGMENTOS E SUPRA-SEGMENTOS

As línguas TO, de modo geral, apresentam inventários fonêmicos relativamente pequenos⁸, com seis vogais⁹ / i u ə(ɨ) o e a / e entre doze e dezesseis consoantes orais (Gomez-Imbert no prelo, Barnes 2006:133-34). O inventário consonantal de Kotiria é um dos maiores da família. Além dos fonemas / p b w t d s k g j h /, a maioria compartilhada com outras línguas TO, Kotiria acrescenta uma série de oclusivas surdas aspiradas / p^h t^h k^h / e a africada /tʃ/. No entanto, esse inventário fonêmico segmental relativamente simples não implica em uma fonologia simples, pois o quadro fonológico da língua se torna muito mais complexo e interessante quando consideramos a interação entre elementos fonêmicos segmentais e supra-segmentais (tratado em detalhe em Stenzel 2007a). Sem dúvida, é exatamente essa interação que constitui o traço tipológico mais marcante dos sistemas fonológicos de línguas TO, como os dados da língua Kotiria nos mostrarão.

Como na maioria das línguas TO, em Kotiria, todas as obstruentes vozeadas, aproximantes e vogais têm alofones nasais no ambiente condicionador de morfemas nasais, nasalidade nessas línguas sendo um elemento supra-segmental, lexicalmente associado ao morfema como um todo. No entanto, a associação lexical de valores do traço [±nasal] depende da classe do morfema. Todos os morfemas independentes (e.g. raízes ou pronomes) são lexicalmente marcados, ou seja, são morfemas que ocorrem sempre com realizações fonéticas ou *todo oral* [-nasal] ou *todo nasal* [+nasal], como vemos nas palavras em (1), que contrastam pelo valor do traço supra-segmental [±nasal].

	[-nasal]		[+nasal] ¹⁰
(1)	<i>waha</i> [wahá] ‘arrastar’	~	<i>waha</i> [wãhã] ‘matar’ (T.25)
	<i>y#</i> [j#] ‘1SG.POSS’	~	<i>y#</i> [j#] ‘ver/olhar’ (T.24)
	<i>b#’#</i> [b#’#] ‘piranha’	~	<i>b#’#</i> [m#’#] ‘você (2SG)’ (T.56)
	<i>di</i> [dí] ‘sangue’	~	<i>di</i> [nĩ] ‘dizer’ (T.10)
	<i>ya</i> [jáá] ‘posse’	~	<i>ya</i> [jáá] ‘ser ruim/feio’ (T.21)

Alguns sufixos também são lexicalmente marcados com valores fixos do traço [±nasal], como o diminutivo *~ka* [kã] em *khiti~ka* ‘historinha’ (T.2) e o nominalizador animado plural *~ida* [ĩã] em *pa~ida* ‘outro (cachorro)’ (T.12), ambos inerentemente

⁸ Seguindo a tipologia de sistemas consonantais em (Maddieson 2008).

⁹ Com exceção da língua Retuarã, que tem somente cinco (Strom 1992).

¹⁰ Morfemas [+nasal] são identificados nos exemplos com ‘~’.

[+nasal], ou o locativo $-p\#$ [p#] em $\sim baka-roka-p\#$ ‘na floresta’ (T.3) ou $kopa-p\#$ ‘no buraco’ (T.22) e o inanimado plural $-ri$ [ri] em $phicha-yapa-ri$ ‘pelotinhas de chumbo (para espingarda)’ (T.32), que são ambos inerentemente [-nasal]. Outros sufixos são [Ønasal], ou seja, não-marcados com valor fixo do traço [\pm nasal], como o animado singular $-ro$ ou o marcador de caso ‘objetivo’ $-re$. Esses sufixos têm formas oral e nasal, [ro ~ r̃õ] e [re~ r̃ê], respectivamente. A forma específica de realização fonética de sufixos [Ønasal] é determinada por um processo de espalhamento do valor [\pm nasal] da raiz, como vemos em (2).

	raiz [-nasal] + sufixo [Ønasal] (sufixo realizado como [-nasal])	raiz [+nasal] + sufixo [Ønasal] (sufixo realizado como [+nasal])
(2)	<i>die-ro</i> [diéro] ‘cachorro’ (T.7)	$\sim b\#-ro$ [mǎr̃õ] ‘homem’ (T.3)
	<i>wa’i-kiro-re</i> [waʔikíróré] ‘animal’ (T.9)	$\sim bak-\#-re$ [mǎ ^h kú̃r̃ê] ‘filho’ (T.56)

Além de nasalização morfêmica, Kotiria e algumas outras línguas TO apresentam um segundo elemento supra-segmental de tom¹¹, com melodias compostas por tons B(aixo) e A(lto). Nas transcrições fonéticas das palavras em (1)-(2) acima, tom B é não-marcado e tom A é marcado com acento agudo na vogal. Tons baixos e altos se combinam em quatro melodias básicas lexicalmente associadas a morfemas de raiz, por ordem de frequência — BAB, BA, AB e AA. Em (3) vemos alguns exemplos de pares de palavras que contrastam por suas melodias tonais.

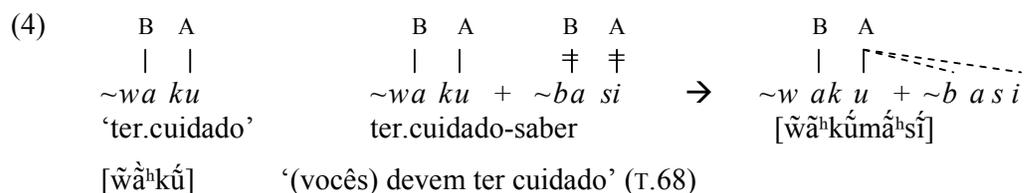
(3)	<i>ba</i> [báa] _{AB} ‘decompor’	<i>ba</i> [baá] _{BA} ‘nadar’
	$\sim b\#$ [mǎúú] _A ‘pessoa/homem’ (T.3)	$\sim b\#$ [mǎũũ] _{AB} ‘carregar nas costas’
	<i>yoa-ro-(se)</i> [joáró] _{BA} ‘feito X’ (T.38)	<i>yoa-ro</i> [joáro] _{BAB} ‘longe’ (T.4)

Como os valores de nasalização, os valores tonais podem se espalhar de raízes para sufixos — a grande maioria sem tom próprio — como vemos no último par de palavras em (3). Na primeira, o tom final da melodia da raiz se manifesta também na vogal do sufixo: o tom A da melodia BA de *yoa* ‘fazer’ espalha ao sufixo $-ro$. Na segunda, o tom B final da melodia BAB de *yoa* ‘ser longe’ na verdade não espalha ao sufixo $-ro$. É o sufixo (sem tom

¹¹ Algumas línguas TO são analisadas como tendo sistemas de *pitch-accent*, em que há uma única sílaba acentuada e acompanhada por tom mais agudo, e.g. na análise de Tuyuka em (Barnes 1996).

próprio) que fornece uma vogal ao qual o tom B final da raiz (até então não associado) pode se manifestar foneticamente, assim revelando o contraste das melodias BA e BAB.

Em palavras com raízes serializadas, um processo morfológico extremamente produtivo em línguas TO (ver §4), a melodia tonal da raiz independente (a que ocorre mais à esquerda) predomina fonologicamente, provocando dissociação da melodia da raiz dependente (à direita na sequência) e o espalhamento do tom final da raiz independente. Desse processo, deriva-se uma nova palavra fonológica que, na sua íntegra, espelha a melodia tonal da raiz independente, como vemos em (4). Nesse exemplo, ambas as raízes na sequência têm melodia tonal BA, mas a combinação morfológica das raízes não resulta numa palavra fonológica BABA, pois as sequências deste tipo são proibidas na língua. No caso, a melodia tonal da segunda raiz *~basi* é dissociada, e o tom A final da raiz *~waku* espalha, resultando numa palavra fonológica com uma única melodia BA: [wã^hkú^má^hsí].



A fonologia de Kotiria apresenta ainda um terceiro elemento supra-segmental: glotalização, que como nasalização e tom, é um traço lexicalmente associado somente a morfemas de raiz (aproximadamente 23% do total). O valor contrastivo desse supra-segmento é exemplificado em (5), onde vemos que em raízes glotalizadas, o traço se associa à primeira vogal da raiz e se manifesta foneticamente como uma oclusiva glotal.

GLOTALIZADAS	NÃO-GLOTALIZADAS
(5) <i>~si'di</i> [sĩŋní] ‘beber’	<i>~siditu</i> [sĩnítu] ‘perguntar/pedir’ (T.56)
<i>phu'ti</i> [p ^h uʔtí] ‘sobra de mandioca’	<i>phuti</i> [p ^h u ^h tí] ‘soprar’ (T.53)
<i>w#ʔ</i> (T.50) [wuʔú] ‘casa’	<i>w#</i> [wúú] ‘voar’

Esses exemplos são uma pequena amostra da complexidade fonológica que resulta da interação entre segmentos e supra-segmentos em Kotiria. Tanto o inventário segmental da língua quanto a estrutura silábica (C)V básica são, de fato, bastante simples. No entanto, vemos que, ao adicionar os efeitos dos supra-segmentais a uma mesma sequência simples de segmentos, o resultado pode ser um conjunto de manifestações fonéticas muito variados, como se vê nas seis palavras em (6), todas derivadas da mesma sequência CVV dada na

primeira coluna. As transcrições fonéticas mostram as realizações distintas que derivam dessa interação segmental/supra-segmental tipologicamente rara e fascinante.

		NÃO-GLOTALIZADAS	GLOTALIZADAS
(6)	<i>khoa</i> [-nasal] CVV	<i>khoa</i> [k ^h óá] _A ‘metade/parte de alguma coisa’	<i>kho’a</i> [k ^h oʔá] _{BA} ‘retornar’
		<i>khoa</i> [k ^h oá] _{BA} ‘partir’	<i>kho’a</i> [k ^h oʔá] _{BAB} ‘varrer’
	[+nasal]	~ <i>khoa</i> [k ^h óǎ] _A ‘jogar (um objeto)’	~ <i>kho’a</i> [k ^h õʔǎ] _{BAB} ‘osso’

3. CLASSIFICAÇÃO NOMINAL

As línguas TO exibem sistemas complexas de classificação nominal, cuja morfologia tem funções de *identificação* e *derivação* de itens lexicais, de *concordância* em sintagmas nominais e de *referência* a nível de discurso.

3.1 ANIMADOS: IDENTIFICAÇÃO E DERIVAÇÃO

Padrões morfológicos de categorias gramaticais de número e gênero em Kotiria mostram, em primeiro lugar, uma dicotomia básica entre classes de nomes animados e inanimados. Com raras exceções, raízes lexicais de animados, cujos referentes podem ser humanos ou não-humanos, levam o morfema *-ro* em suas formas singulares, como vemos na identificação dos principais protagonistas da narrativa do *Caçador* (7a)-(7d). Em (7e) vemos que esse mesmo morfema *-ro* pode ser usado para derivar um nominal com referente animado a partir de uma raiz verbal, e em (7f), observamos o uso de *-ro* na derivação de um animado singular a partir de uma raiz inerentemente plural.

- | | | | | |
|-----|----|---|----|---|
| (7) | a. | ~ <i>kɯ-iro</i> ~ <i>bɯ-ro</i>
um-SG homem-SG
‘um homem’ (T.3) | d. | ~ <i>phido-ro-wɯ’rɯ</i>
cobra-SG-AUG
‘a cobra gigante’ (T.16) |
| | b. | <i>ti-ro</i> <i>bɯk-ɯ-ro</i>
ANPH-SG velho-MASC-SG
‘o velho’ (T.11) | e. | ~ <i>ya-ro</i>
ser.ruim-SG
‘a malvada (cobra)’ (T.21) |
| | c. | ~ <i>kɯ-iro</i> <i>die-ro</i>
um-SG cachorro-SG
‘um cachorro’ (T.7) | f. | ~ <i>basa-ro</i>
gente-SG
‘uma pessoa’ (T.41) |

Um subconjunto restrito de animados ocorre regularmente com o sufixo *-kiro*, uma forma mais antiga¹², da qual o singular *-ro* sincrônico é derivado. Atualmente, o uso de *-kiro* e forma correspondente feminino *-koro* tem implicações semânticas de fazer referência a seres mais velhos, ou os que merecem, por algum outro motivo, um tratamento de respeito. Nessa narrativa, esse sufixo ocorre na palavra *wa 'i-kiro* ‘animal’ (T.4 e outros), cuja raiz *wa 'i* literalmente quer dizer ‘peixe’. Com o sufixo *-kiro*, deriva-se ‘animal’, literalmente um ‘peixe velho/antigo’.

Além de número, as formas singulares de nomes referentes a seres animados humanos ainda levam morfologia de gênero. Alguns nomes com referência a humanos têm formas específicas masculina e feminina, como *buk-u-ro* (T.11, 42) ‘(homem) velho/marido’ cuja forma feminina é *buk-o-ro* ‘(mulher) velha/esposa’, e *~bak-u* ‘filho’ (T.56), cuja correspondente feminina é *~bak-o* ‘filha’. No entanto, para a maioria dos nomes referentes a humanos, ‘masculino’ é o valor *default* e não é marcado morfologicamente, enquanto ‘feminino’ precisa ser morfologicamente marcado com *-(k)o*.

Plurais de animados são formadas com os sufixos *~da* ou *-a* (8c) para humanos, e *-a* ou *-ya* (8a) para outros animados. Completando o paradigma de formas de plural de entes ‘velhos’ ou de ‘respeito’ (*-kiro/-koro* no singular), encontramos também a forma plural *~kida* (8b)-(8c), da qual claramente se deriva os sufixos sincrônicos *-(~d)a*. Notamos em (8c) que essa forma pode co-ocorrer com outros morfemas de plural. Há ainda alguns nomes lexicais inerentemente plurais, cujas formas sincrônicas não são mais morfologicamente segmentáveis, mas que parecem ter integrado lexicalmente os marcadores de plural, como em (8d).

- | | | | | |
|-----|----|--|----|---|
| (8) | a. | <i>die-ya</i>
cachorro-PL
‘cachorros’ (T.1) | c. | <i>~dubi-a-~kida</i>
mulher-PL-PL
‘mulheres/senhoras (forma respeitosa)’
(T.2) |
| | b. | <i>wa 'i-~kida</i>
animal-PL
‘animals’ (T.1) | d. | <i>~pho 'da</i>
‘filhos’ (T.24) |

A mesma categoria de número, e os meios morfológicos utilizados para indicar singularidade/pluralidade, mostram a complexidade da subcategorização interna da classe de inanimados em Kotiria. Há uma primeira dicotomia entre subcategorias de nomes

¹² Evidência dessa análise provém de Waikhana, a língua mais próxima de Kotiria na família. Em Waikhana, as formas *-kiro*, *-koro*, e *~kina* ainda ocorrem sincronicamente como os morfemas básicas de plural para animados.

inerentemente incontáveis e nomes contáveis. Para os primeiros, incontáveis (ou nomes de ‘massa’), a categoria gramatical de número é neutralizada: o nome incontável ocorre sem marcação morfológica de classe e não há formas plurais. Alguns exemplos de palavras desse tipo no texto são *~bʰdo* ‘tabaco’ (T.52) e *hu* ‘fumaça’ (T.53). Em contraste, nomes inanimados contáveis são pluralizados pelo sufixo *-ri*, como vemos em (9).

- (9) a. *phicha-yapa-ri*
atirar-semente-PL
‘bolinhas de chumbo’ (T.32)
- b. *bʰe-a-yʰkʰ-ri*
flechar-PL-árvore-PL
‘flechas’ (T.55)

Há três padrões morfológicos utilizados para indicar um inanimado contável singular ou individualizado. Há um subconjunto de inanimados contáveis que levam marcação morfológica \emptyset em suas formas singulares, como vemos em (10).

- (10) a. *ti kopa-pʰ*
ANPH buraco-LOC
‘no buraco’ (T.22)
- c. *to dapu*
3SG.POSS cabeça
‘cabeça dele (do cachorro)’ (T.29)
- b. *te wʰʰ-pʰ*
até casa-LOC
‘até a casa’ (T.50)

Outros inanimados contáveis regularmente ocorrem com sufixos classificadores que indicam propriedades salientes de forma, arranjo ou tipo, sendo que classificadores de ‘tipo’ frequentemente são formas lexicais completas, como *yapa* ‘sementes’ em (9a) acima e *taro*, o classificador para corpos de água parada em (11f). Vemos também que o mesmo objeto pode ser caracterizado por vários classificadores, dependendo da propriedade que o falante deseja enfatizar. No texto do *Caçador*, por exemplo, encontramos várias palavras nominais que referem à espingarda do caçador, mas que são derivadas de maneiras distintas. A primeira palavra é derivada da raiz verbal *phicha* ‘atirar’ e leva o classificador de árvores *-kʰ* (11a), o narrador enfatizado tanto a função quanto a forma comprida e reta do objeto. Na frase seguinte, deriva-se uma segunda palavra para ‘espingarda’ da raiz verbal *~yosa* ‘forçar para dentro’ e o classificador de objetos cilíndricos *-dʰ*, o narrador aqui focalizando o detalhe da espingarda ser um objeto que por dentro pode ser enchido com alguma outra coisa, nesse caso, com munição (11b). O mesmo classificador de objetos cilíndricos ocorre mais tarde no texto, na palavra referente ao charuto que o homem faz para se benzer (11c).

Em (11d) e (11e) encontramos palavras nominais derivadas com classificadores diferentes, ambas servindo como descrições da cobra e focalizando aspectos físicos do seu

corpo. Na primeira (11d), o narrador utiliza o classificador de objetos filiformes (como linha ou corda) para caracterizar a forma comprida do corpo da cobra, e logo em seguida, usa o classificador de objetos empilhados (como folhas de papel em um livro) para caracterizar a disposição do corpo da cobra (11e).

- (11) a. *phicha-kʰ*
atirar-CLS:árvore
'espingarda' lit: uma árvore
que atira (T.30)
- b. *~yosa-di'o-dʰ*
forçar.dentro-partículas-
CLS:cilíndrico
'espingarda de chumbo'
lit: cilindro que se enche com
bolinhas (T.31)
- c. *~bʰdo-ro phi-dʰ*
tabaco-SG ser.grande-
CLS:cilíndrico
'charuto gordo/grande' (T.52)
- d. *phi-ri-da-wʰ'rʰ*
ser.grande-NOM-CLS:filiforme-AUG
'a cobra' lit: ente grande tipo corda(T.37)
- e. *~o-pa-ri-thu*
DEIC:PROX-ALT-NOM-CLS:empilhado
'a cobra' lit: ente empilhado assim
(T.38)
- f. *pari-taro*
lago-CLS:lago/corpo de água parada
'um lago' (T.13)

De fato, o uso de classificadores é extremamente produtivo na língua Kotiria e podemos mencionar alguns outros classificadores que não ocorrem no texto do *Caçador*. Talvez o mais comum de todos seja o classificador de objetos redondos *-ka*, utilizado em referências à maioria dos tubérculos e frutas, como *kʰu-ka* 'uma raiz de mandioca' e *sudʰ-ka* 'uma fruta cajú'. Mas esse classificador também ocorre para individualizar outros objetos tipicamente arredondados, como *~ta-ka* 'uma pedra', e que pode até ocorrer com um animado cuja forma arredondada é sua propriedade mais saliente, como *~su'i-ka* 'um caracol'. Já frutas (e alguns animados) com formas alongadas e curvadas levam o classificador *-paro*, como *ho-paro* 'uma banana', *~bede-paro* 'uma fruta ingá' e *wupo-paro* 'uma lagarta-cabeluda'. Coisas afiadas e cortantes levam, por sua vez, o classificador *~phi*, como em *yoa-ri-~phi* 'facão' (ser.longo-NOM-CLS:afiado) e *di'i-~phi* 'faca de cortar carne', enquanto objetos côncavos são identificados com o classificador *-ro/to*, como vemos em *~khubu-ro* 'banco Tukano' (cuja superfície de sentar tem curva côncava) e *bia-to* 'panela de cozida de pimenta' (ver também Gomez-Imbert 2007b).

Completando o quadro de subcategorias de inanimados, encontramos nomes abstratos derivados de raízes verbais pelo sufixo *-ro*, numa função 'partitiva' exemplificada nas palavras em (12).

- (12) a. *y#’ti-ro*
responder-SG
‘resposta’ (T.40)
- b. *pisu-ro*
gritar-SG
‘grito’ (T.41)
- c. *~kha’a-ro*
sonhar-SG
‘sonho’ (T.54)

3.2 CLASSIFICADORES NOMINAIS E CONCORDÂNCIA EM SINTAGMAS NOMINAIS

Além das funções de identificação e derivação lexical, em Kotiria, morfemas classificadores, bem como os nominalizadores *-iro* ‘NOM:SG’ e *--ida* ‘NOM:PL’ (derivados do nominalizador *-ri*+classificadores animados *-ro* e *--da*), têm funções de concordância em sintagmas nominais, ocorrendo em modificadores de vários tipos, como o quantificador *~k#* ‘um’ em (13a)-(13b), o anafórico/definido *ti* ‘aquele/o’ em (13c)-(13d) e (13f), o demonstrativo *a’ri* ‘esse’ (13e) e o ‘outro/alternado’ *pa* em (13d)-(13e).

- (13) a. *~k#iro* *~b#ro* d. *ti--da* *pa--ida* *die-ya--ka*
um-NOM:SG homem-SG ANPH-PL ALT-NOM:PL cachorro-PL-DIM
‘um homem’ (T.3) ‘aqueles outros cachorrinhos’ (T.12)
- b. *~k#iro die-ro* e. *a’ri-ro* *pa-iro* *ba’ro*
um-SG cachorro-SG DEM:PROX-SG ALT-SG tipo
‘um cachorro’ (T.7) ‘esse outro tipo (de ser)’ (T.44)
- c. *ti-ro* *b#k-#ro* f. *ti* *kopa-p#*
ANPH-SG velho-MASC-SG ANPH buraco-LOC
‘aquele/o (pai) velho’ (T.42) ‘naquele buraco’ (T.22)

3.3 A FUNÇÃO ANAFÓRICA/REFERENCIAL DOS MORFEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL

A função anafórica/referencial dos classificadores se evidencia em contextos em que o nominal construído a partir do anafórico *ti* ou demonstrativo *a’ri* ocorre independentemente, sem estar numa configuração de sintagma nominal com um nome lexical modificado. Os nominais anafóricos mais comuns são as formas pronominais de terceira pessoa *ti-ro* ‘ele’ (T.9 e outros) *ti-ko-ro* ‘ela’ e *ti--da* ‘eles’ (T.12 e outros). Não há exemplos na narrativa do *Caçador*, mas em outros textos há casos de anafóricos com classificadores de forma que ocorrem independentemente com funções pronominais semelhantes, como *ti--phi*, (ANAF-CLS:afiado) lit. ‘a coisa cortante/afiada’ (fazendo referência anafórica a um sintagma nominal

anteriormente mencionado *ti~phi y#so-ri~phi* (cortar-NOM-CLS:afiado) ‘a faca’, ou, do mesmo texto (e se referindo à mesma SN) *a’ri~phi~be’re* (DEM:PROX-CLS:afiado-INST) lit. ‘com essa coisa cortante/afiada’.

4. SERIALIZAÇÃO DE RAÍZES E SUAS PRINCIPAIS FUNÇÕES SEMÂNTICAS

Um dos processos morfológicos mais ricos e produtivos em Kotiria e outras línguas TO é a serialização de raízes verbais, mecanismo utilizado para expressar uma grande variedade de noções semânticas, entre outras, informação ‘adverbial’, aspectual e modal (para estudos mais aprofundados, ver Stenzel 2007b; Gomez-Imbert 2007a). No texto do *Caçador* encontramos exemplos de cada um desses tipos.

4.1 NOÇÕES ADVERBIAIS DE ‘MANEIRA’

É bastante comum nas línguas do mundo que verbos intransitivos de movimento ocorram como raízes dependentes (ou seja, ocupando a segunda posição numa serialização) para expressar noções adverbiais de maneira, detalhes de *como* a ação principal é realizada (Foley & Olson 1985; Aikhenvald 2006). Em Kotiria, entre os verbos de movimento dependentes mais utilizados — e que podem ocorrer em sequências de mais de duas raízes — encontramos os verbos *wa’a* ‘ir’ e *ta* ‘vir’, que indicam que a ação do verbo independente ocorre junto com movimento físico translocativo ou cislocativo, ou seja, movimento de distanciamento ou aproximação do falante ou de algum ponto de referência no discurso. Em (14), no momento em que o homem atira na cabeça da cobra, a complexa noção de ‘explosão’ é criada pela serialização de três raízes: a ação principal *phicha* ‘atirar’, serializado com *wa’a* ‘ir’ (movimento para fora) e *roka* ‘movimento *a* ou *para* algum ponto distante’ (ver outra construção com essa raiz em T.48). Já em (15), a idéia de que a cobra, depois de levar esse tiro, sai de seu buraco em direção ao homem é expressa pela serialização de duas raízes de movimento: *wiha* ‘sair’ e *ta* ‘vir’.

- (14) *to dapu waroi phichawa’arokaa.*
to dapu waro-i phicha-wa’a-roka-a
3SG.POSS cabeça EMPH-LOC atirar-ir-DIST-ASSERT.PERF
‘A sua cabeça explodiu.’ (T.35)

- (15) *a'riase siðm# wihatankaa, phiridaw#'r#ta.*
a'ri-a-se **~sio-~b#** **wiha-ta-~doka-a**
 DEM:PROX-NOM-ser.assim deslizar-correr MOV.p/fora-vir-COMPL-ASSERT.PERF
- phi-ri-da-w#'r#-ta**
 ser.grande-NOM-CLS:filiforme-AUG-REF
 'Veio deslizando rapidamente para fora (do buraco), tipo uma corda grande.' (T.37)

Muitas outras raízes, tanto de movimento quanto de posição, ocorrem serializadas, acrescentando diversas noções adverbiais de maneira, como vemos na primeira sequência de raízes verbais em (15) acima, *~sio-~b#*, em que a raiz *~b#* 'correr' acrescenta a noção que a cobra deslizou 'rapidamente'. Já nas serializações *ko'ta-pisa* em (16), e *~y#-b#a* em (17), as raízes serializadas literalmente indicam, no primeiro caso, como a cobra ficou esperando: sua posição física deitada, e, no segundo caso, como o olhar do homem se movimentou: para baixo. Há vários outros exemplos de serializações desse tipo no texto (entre outros, nas linhas T.6, 13, 21, 48 e 65) e o leitor está convidado a verificar nessas falas a riqueza das noções semânticas criadas pelo uso desse recurso morfológico.

- (16) *top# phinoro ñakã ko'tapisaa.*
to-p# **~phido-ro** **~ya-~ka** **ko'ta-pisa**
 REM-LOC cobra-SG ser.ruim-DIM esperar-estar.em.cima-ASSERT.PERF
 'Lá a cobra ma estava esperando deitada em cima (do tronco).' (T.20)
- (17) *ñ#b#a'aa. ñ#bokaa.*
~y#-b#a-a **~y#-boka-a**
 ver-MOV.p/baixo-ASSERT.PERF ver-achar-ASSERT.PERF
 'Olhou para baixo. Espreitou (o cachorro).' (T.15)

4.2 NOÇÕES DE 'CAUSA E EFEITO'

Aproveitando o exemplo acima, podemos ver uma segunda função semântica de serialização de raízes: para expressar noções de 'causa e efeito'. Tais serializações tipicamente envolvem duas raízes transitivas que compartilham o mesmo objeto gramatical. Em (17) esse objeto (nulo, no caso, porém recuperável pelo contexto) é o cachorro, que, ao olhar para baixo, o homem 'vê' e, conseqüentemente, 'acha'. A serialização em (18) *du'te-ta* também expressa uma noção de causa e efeito: o homem 'corta' o corpo, causando uma 'separação' desse corpo em pedaços.

- (18) *du'teta khoãrokaa.*
du'te-ta **~khoa-roka-a**
 cortar-separar jogar-DIST-ASSERT.PERF
 'Cortou em pedaços (e) os jogou longe.' (T.48)

É interessante notar a diferença tipológica entre línguas como Português, em que tais noções específicas são expressas por itens lexicais, e.g. o verbo ‘despedaçar’, e línguas como Kotiria, em que essas noções são construídas em camadas, a partir de raízes serializadas.

4.3 INFORMAÇÃO ASPECTUAL

Quase tão comum quanto na expressão de noções adverbiais de maneira, serializações de raízes são o recurso usado para conferir qualidades internas aspectuais a uma ação ou estado: seu início ou término, sua realização durativo ou completa, ou a sua relação a um ponto referencial temporal, para mencionar só algumas. No decorrer da narrativa do *Caçador*, encontramos exemplos interessantes dessas serializações ‘aspectuais’, como a sequência em (19) com o verbo *r#ka* ‘começar’ (ver também T.27 e 65) que, como raiz dependente, sinaliza o ponto inicial da ação – aqui, quando a cobra começa a vomitar o cachorro.

- (19) *to phichach#ta, phinorow#’r# tirore chower#kaa.*
to phicha-ch#-ta ~phiro-ro-w#’r# ti-ro-re chowe-r#ka-a
 DEF atirar-SW.REF-REF cobra-SG-AUG ANPH-SG-OBJ vomitar-começar-
 ASSERT.PERF
 ‘Quando (o velho) atirou, a cobra começou a vomitá-lo (o cachorro).’ (T.36)

Já em (20) e (21), vemos serializações com a raiz *~doka*, que expressa a noção de realização ‘completa’ — a morte da cobra após o segundo tiro da espingarda e o ‘dizer completo’ do homem que, quando questionado pelo cobra-pai, insiste que não sabe nada da morte do cobra-filho.

- (20) *wahãnokaa.*
~waha-~doka-a
 matar-COMPL-ASSERT.PERF
 ‘Matou-o.’ (T.47)

- (21) *“ne top#re tip#re tinieraha” ninokaa.*
~de to-p#-re ti-p#-re ~tidi-era-ha ~di-~doka-a
 NEG REM-LOC-OBJ ANPH-LOC-OBJ andar-NEG-VIS.IMPERF.1 dizer-COMPL-ASSERT.PERF
 ‘“Nunca caço naquele lugar,” ele insistiu.’ (T.60)

Em contraste, para expressar a realização completa da ação de um verbo de movimento, como a chegada do cachorrinho à beira do lago, utiliza-se o verbo *~s#* ‘chegar’, como vemos em (22, e em T.56 também).

- (22) *ãta yoa, kãiro dierokã paritarore, paritaro hiritarore, mãmãmãm'asũ thutia.*
~a-ta yoa ~kũ-iro die-ro~ka pari-taro-re
então-REF fazer um-NOM:SG cachorro-SG-DIM lago-CLS:lago-OBJ

pari-taro hi-ri-taro-re ~bãmãm-bãm'a~sãm thuti-a
lago-CLS:lago COP-NOM-CLS:lago-OBJ correr-MOV.p/baixo-chegar latir-ASSERT.PERF
'Enquanto isso, o cachorrinho correu descendo até um lago, um lago assim, (e) latiu.'
(T.23)

Finalmente, encontramos no texto do *Caçador* exemplos de serializações com a raiz dependente *tu'sãm* 'acabar', cujo uso como verbo dependente expressa uma qualidade aspectual temporal: indicando uma ação ou evento que acabou de acontecer, como a morte do cachorro em (23).

- (23) *ã yo tirore wahãtu'sãm chãmropãm nia.*
~a yo ti-ro-re ~waha-tu'sãm chãm-ro-pãm ~di-a
então fazer ANPH-SG-OBJ matar-acabar comer-(3)SG-EMP PROG-ASSERT.PERF
'Ele (a cobra) tinha acabado de matá-lo (o cachorro) e já estava comendo o coitado.'
(T.23)

4.4 MODALIDADE DEÔNTICA

Em línguas TO, serializações de raízes também são usadas para expressar certos tipos de modalidade deôntica: noções de 'desejo', 'obrigação/necessidade' e 'habilidade'. Nessas serializações, os verbos dependentes pertencem a um subconjunto de verbos de processos mentais, como o desiderativo *dua* em *yũ'ũ chũ-dua-ka* (1SG comer-DESID-ASSERT.IMPERF) 'Eu quero comer'.

O verbo mais empregado para expressar noções deônticas é *~basi* 'saber', que, como raiz dependente, expressa 'habilidade' em frases como *yũ yahiri~pho'da-re wa~basi-era-ka* (1SG.POSS coração-OBJ dar-DEON-NEG-ASSERT.IMPERF) 'Não posso/não sei dar o meu coração', e 'necessidade' em (24), na hora em que o velho adverte aos filhos que eles não deveriam voltar ao lugar onde encontrara a cobra.

- (24) "wakũmasiga tore. wakũmasiga tore."
~waku~basi-ga to-re ~waku~basi-ga to-re
ter.cuidado/atenção-saber-IMPER REM-OBJ ter.cuidado/atenção-saber-IMPER REM-OBJ
"Vocês devem ter cuidado lá, devem ter cuidado." (T.68)

5. A MARCAÇÃO ‘DIFERENCIAL’ DE OBJETOS

Kotiria, como as outras línguas TO, marca morfologicamente um número restrito de casos gramaticais. Caso ‘locativo’ é marcado pelo sufixo *-pu* (ver exemplos 10b, 13f, 14, 16, 21) e caso ‘instrumental/comitativo’ é marcado pelo clítico *~be’re*, como vemos em (T.3, 10, 25) e também no próprio título da narrativa:

- (25) *wa’ikina ko’tariro to dieyame’re.*
wa’i~kida ko’ta-ri-ro to die-ya~be’re
 animal-PL esperar-NOM-SG 3SG.POSS cachorro-PL-COM/INST
 ‘Um caçador e/com seus cachorros.’ (T.1)

Não há marcação fonológica do sujeito gramatical, mas, de modo geral, os argumentos internos de verbos transitivos e ditransitivos levam um sufixo *-re*, que, a primeira vista, parece ser o marcador de caso acusativo. Em (26) e (27) vemos exemplos de objetos dos verbos *ch#-b#ro* ‘engolir’, *~s#ditu* ‘perguntar’ e *~y#* ‘ver’ marcados com esse sufixo (ver também T. 53, 56).

- (26) *dierore ch#b#rorop# nia.*
die-ro-re ch#-b#ro-ro-p# ~di-a
 cachorro-SG-OBJ comer-MOV.p/baixo-(3)SG-EMP PROG-ASSERT.PERF
 ‘Já estava engolindo o cachorro (coitado).’ (T.17)

- (27) *m#m#mahas# tirore sinitua: “m#’# ñ#erari y# mak#re?”*
~b#b#~baha~s# ti-ro-re ~s#ditu-a
 correr-MOV.p/cima-chegar ANPH-SG-OBJ perguntar-ASSERT.PERF

~b#’# ~y#-era-ri y# ~bak-#-re
 2SG ver-NEG-INT 1SG.POSS filho-MASC-OBJ
 ‘(O cobra-pai) veio correndo até ele (o homem) e perguntou: “Você não viu meu filho?”’ (T.56)

No entanto, um olhar mais atento aos dados nos revela um fato interessante: nem todos os objetos de verbos transitivos ou ditransitivos de fato levam o sufixo *-re*. Em (28), vemos que logo na primeira frase do texto, por exemplo, ocorrem dois objetos do verbo ditransitivo *ya’u* ‘contar’: *~k#-ro khiti~ka* ‘uma historinha’ e *a’ri ~dubi-a~kida-re* ‘essas mulheres(senhoras)’, o primeiro não marcado e o segundo marcado.

- (28) *y#’# michakãkãre a’ri numiakinare k#ro khitikã ya’uper#kasinitai niha.*
y#’# ~bicha~ka~ka-re a’ri ~dubi-a~kida-re ~k#-ro
 1SG hoje-DIM-DIM-OBJ DEM:PROX mulher-PL-PL-OBJ um-SG

khiti~ka ya'u-pe-rũka~sidi-ta-i ~di-ha
 história-DIM contar-FAV-começar-fazer.agora-INTENT-(1/2)MASC PROG-VIS.IMPERF. I
 'Estou feliz de estar contando agorinha mesmo um história para essas mulheres.' (T.2)

E, no decorrer da narrativa, além de 'historia' no exemplo acima, encontramos vários outros objetos de verbos transitivos não-marcados com *-re*, como *~bũ'do-ro phi-dũ*, o 'charuto grande' que o homem prepara para se benzer em (T.52), ou *bũe-a-yũkũ-ri* 'as flechas' que o cobra-pai carrega em (T.55). Em Kotiria, como em muitas outras línguas do mundo (Comrie 1989; Bossong 1991), a marcação de objetos de fato varia de acordo com a interação entre um parâmetro semântico de 'animacidade' e um parâmetro 'pragmático' de referência ou *definiteness*, esse segundo sendo, em última instância, determinante na língua Kotiria (ver Stenzel 2008a).

Em Kotiria, a interação entre esses dois parâmetros resulta no uso obrigatório do sufixo *-re* no segundo argumento interno de qualquer verbo ditransitivo — o objeto 'indireto', o que tem papel semântico de beneficiado ou receptor — como 'as mulheres' em (28), e também da ocorrência de *-re* em qualquer objeto 'direto' pronominal, como 'ele' em (27). Isso se explica pelo fato de que tanto objetos 'beneficiados/receptores' quanto objetos 'diretos' pronominais são prototipicamente animados e, ao mesmo tempo, inerentemente referenciais. Já outros objetos 'diretos' inanimados ou não-referenciais — mesmo que sejam animados — podem ocorrer sem o sufixo *-re*. Observamos, por exemplo, que *wa'i~kiro* 'animal' ocorre como objeto não-marcado do verbo *boka* 'achar' em (29). Mesmo se referindo a um 'animado', a referência é indefinida, e por isso o uso de *-re* não ocorre. Já o mesmo 'animal' ocorre marcado com *-re* poucas linhas depois no texto (30), pois na segunda menção, *ti-ro wa'i-kiro-re* 'aquele/o animal', a referencialidade do objeto já foi estabelecida no discurso, e, com isso, o uso de *-re* se torna obrigatório.

(29) *yoaro ko'tawa'akãa yoachũ to dieya wa'ikiro bokaa nũnũwa'aka'a tina.*
yoa-ro ko'ta-wa'a~ka-a yoa-chũ to die-ya
 ser.longo-SG esperar-ir-DIM-(3)PL fazer-SW.REF 3SG.POSS cachorro-PL

wa'i-kiro boka-a ~dũdũ-wa'a-ka'a ti~da
 animal-SG achar-ASSERT.PERF seguir-ir-MOV.cont ANPH-PL
 'Indo longe, seus cachorros acharam um animal (e) foram atrás dele.' (T.4)

(30) *tiro wa'ikirore bohãa, tirokhũ hi'na.*
ti-ro wa'i-kiro-re bo~ha-a ti-ro~khũ ~hi'da
 ANPH-SG animal-SG-OBJ perder-não.esper-ASSERT.PERF ANPH-SG-ADD EMPH
 'Ele (o cachorrinho) perdeu o animal (que caçava, e) ele também (se perdeu).' (T.9)

O que é menos tipologicamente comum é que em Kotiria, além dessa marcação ‘diferencial’ de objetos, há uso do mesmo sufixo de caso *-re* em expressões temporais e locativos referenciais, como *~bicha~ka~ka-re* ‘agorinha mesmo’ em (28) acima, *ti ~yabi-re* ‘naquela mesma noite’ em (31) abaixo e *to-p#re ti-p#re* ‘lá naquele lugar’ (T.60), elementos não-argumentais a nível sintática porém pragmaticamente essenciais a nível do discurso. Esse uso ‘multifuncional’ de *-re* faz com que se encontre frases, como vemos em (31), em que *todos* os nominais, por um motivo ou outro, são marcados com esse sufixo.

- (31) *tu's# ti ñamire hi'na kha'ãrop#re tirore ya'ua.*
tu's# ti ~yabi-re ~hi'da ~kha'a-ro-p#re ti-ro-re ya'u-a
 acabar ANPH noite-OBJ EMPH sonhar-SG-LOC-OBJ ANPH-SG-OBJ advertir-ASSERT.PERF
 ‘Quando acabou, naquela mesma noite ele foi advertido num sonho.’ (T.54)

Podemos concluir, pela variedade de constituintes nominais que levam o sufixo *-re*, que mesmo aparentemente sendo de um marcador de caso, não se trata de um marcador de um caso ‘acusativo’ simples, nem de um mero marcador de ‘não-sujeito’ (como sugere Aikhenvald 2007). Estamos diante de algo mais complexo — que chamo de caso ‘objetivo’ (seguindo Zuñiga 2007) — pois envolve interação de interpretação no nível sintático com reconhecimento de distinções semântico-pragmáticas de animacidade e referencialidade.

6. AS CATEGORIAS ‘EVIDENCIAIS’ DE KOTIRIA

Como estamos vendo, há muitos elementos interessantes da língua Kotiria. Porém o espaço limitado desse perfil tipológico nos impõe uma necessidade de seleção, e nesse caso, não podemos deixar de eleger a categoria gramatical de ‘evidencialidade’ como a última ‘jóia’ a ser apreciada. Essa categoria é tipologicamente rara e sua expressão normalmente é opcional. Mas em Kotiria e outras línguas TO, qualquer frase do tipo ‘declarativa’ tem que incluir, além de informação relativa a categorias como ‘tempo/aspecto’, ‘pessoa’, ‘gênero’ e ‘número’, uma indicação de *como o falante obteve a informação que relata*, o falante podendo escolher entre cinco sub-categoriais de evidência — VISUAL, NÃO-VISUAL, INFERÊNCIA, ASSERÇÃO (SUPOSIÇÃO) e RELATADA — quase todas exemplificadas no texto do *Caçador* (ver também Stenzel 2006; 2008b).

Na fala cotidiana — representada no texto do *Caçador* pelas intervenções dos protagonistas — frases com os quatro marcadores de evidência VISUAL são as mais frequentes. A categoria VISUAL indica que o falante relata algo que presenciou ou que faz

parte de seu conhecimento ou de sua experiência própria, como no momento em que o homem começa a procurar pelo cachorro sumido, dizendo:

- (32) “*õita wa’are*”
 ~*o-i-ta* *wa’a-re*
 DEIC:PROX-LOC-REF ir-VIS.PERF.2/3
 “Ele foi por aqui.” (T.10)

Ou quando o homem chega à beira do lago e, vendo o seu cachorro sendo engolido pela cobra, avisa:

- (33) “*õp# hira y# pho’na.*”
 ~*o-p#* *hi-ra* *y#* ~*pho’da*
 DEIC:PROX-LOC COP-VIS.IMPERF.2/3 1SG.POSS filhos
 “Está aqui, meus filhos.” (T.24)

Nesses dois exemplos, vemos os sufixos da categoria VISUAL de segunda/terceira pessoa: o perfectivo *-re* e o imperfectivo *-ra*. Os sufixos de primeira pessoa, o imperfectivo *-ha* e o perfectivo *-i*, ocorrem nos exemplos a seguir. O uso da forma imperfectiva com um verbo ativo em (34) resulta em uma leitura de ação ‘habitual’, na hora em que o homem jura ao cobra-pai:

- (34) “*ne top#re tip#re tinieraha*”
 ~*de to-p#-re* *ti-p#-re* ~*tidi-era-ha*
 NEG REM-LOC-OBJ ANPH-LOC-OBJ andar-NEG-VIS.IMPERF.1
 “Nunca caço (ando) naquele lugar.” (T.60)

E o mesmo sufixo ocorre numa construção com leitura de ação ‘progressiva’ em (35), quando, desconfiado, o cobra-pai avisa ao homem:

- (35) “*tiro ñ#i wa’aha.*”
ti-ro ~*y#-i* *wa’a-ha*
 ANPH-SG ver-(1/2)MASC ir-VIS.IMPERF.1 dizer
 “Vou procurá-lo (o filho desaparecido).” (T.63)

Finalmente, a forma perfectiva ocorre na fala do homem, que diz, ao chegar em casa:

- (36) “*pairoba’aro mari wahã*”
pa-iro-ba’ro ~*bari* ~*waha-i*
 ALT-NOM:SG-tipo 1PL.INC matar-VIS.PERF.1
 “Matamos algum tipo diferente (mágico) de cobra.” (T.51)

Os marcadores da categoria VISUAL implicam naturalmente em uma relação de *proximidade* entre o falante e o acontecimento que relata, e seu uso confere à frase altos graus de certeza (da parte do falante) e de credibilidade (da parte do ouvinte). Com os marcadores da categoria VISUAL, supõe-se a veracidade da informação relatada, e é por isso que marcadores dessa categoria ocorrem também a frases que expressam verdades estabelecidas ou fatos que independem de verificação constante por experiência individual. Um exemplo desse uso ocorre na hora em que o narrador do texto afirma que o grito ouvido pelo homem e seus filhos não fora feito por um ser humano:

- (37) *masaro pisuro yoa rose, pa hierara tiro.*
 ~**basa-ro** **pisu-ro** **yoa-ro-se** **pa** **hi-era-ra** **ti-ro**
 gente-SG gritar-SG fazer-SG-ser.assim ALT COP-NEG-VIS.IMPERF.2/3 ANPH-SG
 ‘Um grito feito uma pessoa, mas ele (o que gritava) não era (humano).’ (T.41)

A segunda categoria de evidência, NÃO-VISUAL, indica informação baseada em percepção sensorial (mas que não seja diretamente *visual*). Seu uso mais frequente é em situações em que o falante afirma algum fato a partir de evidência auditiva, como no momento logo depois do grito da cobra, quando o homem ouve, de longe, um outro grito, supostamente de um outro ‘ser cobra’, e o narrador assim afirma:

- (38) *y#’tiro koataa.*
y#’ti-ro **koa-ta-a**
 responder-SG NON.VIS-vir-ASSERT.PERF
 ‘(Era) uma resposta.’ (T.40)

Ainda que não haja percepção direta — visual ou sensorial — de um acontecimento, o falante pode afirmar uma conclusão sobre um evento baseado em algum resultado observado, ou seja, em algum tipo de evidência *indireta* do fato. Nesse caso a sua frase ocorre com a construção que indica a terceira categoria evidencial: INFERÊNCIA. Entre outros exemplos no texto do *Caçador* (ver também T.57, 58, 62,67), essa construção ocorre na fala do homem na hora em que ele chega à beira do lago e vê o cachorro sendo engolido pela cobra. Mesmo que ele não tenha visto a cobra matar o cachorro, ele pode inferir, a partir da cena que encontra, o resultado óbvio:

- (39) “*yoatap# wahãnokari hira mari dierore.*”
yoa-ta-p# ~**waha-**~**doka-ri** **hi-ra** **~bari**
 fazer-REF-LOC matar-COMPL-NOM(INFER) COP-VIS.IMPERF.2/3 1PL.INC.POSS

die-ro-re

cachorro-SG-OBJ

“Nosso cachorro acabou de ser morto.” (T.25)

A semântica da quarta categoria, ASSERÇÃO (ou SUPPOSIÇÃO), é particularmente interessante, complexa e rara, pois frases marcadas com sufixos dessa categoria — o imperfectivo *-ka* e o perfectivo *-a* — indicam que o falante baseia sua afirmação não em evidência *externa*, diretamente ou indiretamente observada (como nas categorias VISUAL, NÃO-VISUAL e INFERÊNCIA), mas em evidência *interna* ou *internalizada*. Evidência internalizada pode se basear em experiências anteriores do próprio falante com fatos ou situações parecidas à situação do momento, e nestes casos, a frase ocorre com a forma imperfectiva *-ka*. Essa forma também ocorre em frases que relatam as emoções, sensações corporais, processos cognitivos e habilidades do próprio falante, como, por exemplo, quando o homem nega ao cobra-pai qualquer conhecimento do que pode ter acontecido com o cobra-filho:

- (40) “*ñ#era ti masieraka y#’#*”
~*y#-era ti* ~*basi-era-ka* *y#’#*
ver-NEG ANPH saber-NEG-ASSERT.IMPERF 1SG
“Eu não vi, não sei (de nada).” (T.59)

Um outro tipo de evidência internalizada são os conhecimentos compartilhados entre pessoas de uma mesma cultura, as ‘verdades’ incontestáveis pertencentes ao patrimônio coletivo e histórico de um povo. Frases baseadas em esse tipo de conhecimento coletivo — por exemplo, todas as frases de um narrador contando um mito ou história tradicional — ocorrem com a forma perfectiva da categoria de ASSERÇÃO. O leitor pode conferir a ocorrência desse sufixo na grande maioria das frases do texto do *Caçador*, a começar com a frase do narrador que abre a história:

- (41) *kãta hia, kãiro m#ro to pho’name’re wa’ikina ko’taro wa’aa makarokap#.*
~*k#-ta hi-a* ~*k#-iro* ~*b#-ro to* ~*pho’da~be’re*
um-REF COP-SG um-NOM:SG homem-SG 3SG.POSS filhos-COM/INST

wa’i~kida ko’ta-ro wa’a-a ~*baka-roka-p#*
animal-PL esperar-(3)SG ir-ASSERT.PERF origem-DIST-LOC
‘Uma vez, um homem foi caçar com seus filhos na floresta.’ (T.3)

Somente a quinta categoria, de evidência RELATADA, não ocorre no texto do *Caçador*. Frases marcadas com sufixos dessa categoria, *-yu'ti* e *-yu'ka*, indicam que a fonte de informação é uma terceira pessoa, e tais frases são, de fato, extremamente raras, mesmo na fala cotidiana. De modo geral, falantes de Kotiria preferem citar diretamente as falas de outras pessoas — assim preservando a marcação evidencial original da frase — a usar os marcadores dessa categoria. Assim, sua ausência no nosso texto não é surpreendente.

Marcadores de 'evidência' existem em menos de 25% das línguas do mundo; no entanto, são relativamente comuns em línguas amazônicas, sendo encontrados em línguas das famílias Arawá, Aruák, Carib, Nambiquara, Pano, Tupi-Guaraní, Nadahup (Makú) e Yanomami. Seu uso obrigatório, como vemos na língua Kotiria, é mais raro ainda, e, até agora, não encontramos nenhuma família de línguas com sistemas de marcadores evidências tão complexas quanto os da família Tukano Oriental.

CONCLUSÃO

Esse artigo apresentou alguns dos elementos estruturais de Kotiria que se destacam por serem tipologicamente interessantes e raros. No que diz respeito à fonologia, vimos que a surpreendente complexidade sonora da língua resulta da interação entre um inventário segmental simples e três supra-segmentos independentes e contrastivos. Entre os aspectos mais intrigantes da morfologia de Kotiria, vimos que há um sistema complexo de classificação nominal cujos marcadores têm múltiplas funções lexicais, sintagmáticas e pragmáticas. Vimos também algumas das muitas noções semânticas expressas pelo recurso produtivo de serialização de raízes verbais, e nos fascinamos com a inusitada categoria gramatical de evidencialidade. Para completar, vimos que em Kotiria, há um sistema de marcação diferencial de objetos e um caso 'objetivo' regido por interação entre as esferas de sintaxe e de pragmática.

Além de apresentar esses fatos linguísticos interessantes, espero também ter comunicado ao leitor o meu deleite com o empreendimento descritivo e compartilhado o meu fascínio com a língua Kotiria, que, como a maioria das línguas amazônicas, corre perigo de extinção. No mais, espero ter mostrado a riqueza imensa que se encontra em dados que provêm de discurso natural e também ter fornecido ao leitor, através de uma pequena amostra de literatura oral, um primeiro olhar para dentro do mundo dos Kotiria.

Anexo I

- (1) *wa'ikina ko'tariro to dieyame're.*
wa'i~kida ko'ta-ri-ro to die-ya~be're
 animal-PL esperar-NOM-SG 3SG.POSS cachorro-PL-COM/INST
 'Um caçador e/com seus cachorros.'
- (2) *y# michakäkäre a'ri numiakinare këro khitikã ya'uper#kasinitai niha.*
y# ~bicha~ka~ka-re a'ri ~dubi-a~kida-re ~k#-ro
 1SG hoje-DIM-DIM-OBJ DEM:PROX mulher-PL-PL-OBJ um-SG
khiti~ka ya'u-pe-r#ka~sidi-ta-i ~di-ha
 história-DIM contar-FAV-começar-fazer.agora-INTENT-(1/2)MASC PROG-VIS.IMPERF.1
 'Estou feliz de estar contando agorinha mesmo um história para essas mulheres.'
- (3) *kãta hia, këiro m#ro to pho'name're wa'ikina ko'taro wa'aa makarokap#.*
~k#-ta hi-a ~k#-iro ~b#-ro to ~pho'da~be're
 um-REF COP-SG um-NOM:SG homem-SG 3SG.POSS filhos-COM/INST
wa'i~kida ko'ta-ro wa'a-a ~baka-roka-p#
 animal-PL esperar-(3)SG ir-ASSERT.PERF origem-DIST-LOC
 'Uma vez, um homem foi caçar com seus filhos na floresta.'
- (4) *yoaro ko'tawa'akãa yoach# to dieya wa'ikiro bokaa n#n#w'a'aka'a tina.*
yoa-ro ko'ta-wa'a~ka-a yoa-ch# to die-ya
 ser.longe-SG esperar-ir-DIM-(3)PL fazer-SW.REF 3SG.POSS cachorro-PL
wa'i-kiro boka-a ~d#d#-wa'a-ka'a ti~da
 animal-SG achar-ASSERT.PERF seguir-ir-MOV.cont ANPH-PL
 'Indo longe, seus cachorros acharam um animal (e) foram atrás dele.'
- (5) *yoaro ñ#semahari, sitotaa ti(na).*
yoa-ro ~y#-se~baha-ri sito-ta-a ti
 ser.longe-SG ver-ser.assim-MOV.p/cima.baixo-NOM MOV.circ-vir-ASSERT.PERF ANPH
 'Longe, eles (os cachorros) olhava para cima e para baixo, assim.'
- (6) *yoaripa n#n#sitotaa.*
yoa-ri-pa ~d#d#-sito-ta-a
 ser.longe-NOM-tempo seguir-MOV.circ-vir-ASSERT.PERF
 'Seguiram (o animal) por um bom tempo.'
- (7) *këiro diero, phirirow# r# hirirow# r# butiawa'aa.*
~k#-iro die-ro phi-ri-ro-w# r# hi-ri-ro-w# r#
 um-NOM:SG cachorro-SG ser.grande-NOM-SG-AUG COP-NOM-SG-AUG
buti-a-wa'a-a
 sumir-AFFEC-ir-ASSERT.PERF
 'Um cachorro, o maior, sumiu.'
- (8) *tiro wa'ikirore bohãa, tirokh# hi'na.*
ti-ro wa'i-kiro-re bo~ha-a ti-ro~kh# ~hi'da
 ANPH-SG animal-SG-OBJ perder-não.esper-ASSERT.PERF ANPH-SG-ADD EMPH
 'Ele (o cachorrinho) perdeu o animal (que caçava, e) ele também (se perdeu).'

- (9) *ã yo “õita wa’are” ni, tiro to pho’name’re makasitotaa.*
~a yo ~o-i-ta wa’a-re ~di
 então fazer DEIC:PROX-LOC-REF ir-VIS.PERF.2/3 dizer
- ti-ro to ~pho’da~be’re ~baka-sito-ta-a*
 ANPH-SG 3SG.POSS filhos-COM/INST procurar-MOV.circ-vir-ASSERT.PERF
 “‘Ele foi por aqui,” disse (o velho), e ele com os filhos foram procurar.’”
- (10) *tiro bukuro ne maniaa. ne bokaeraa.*
ti-ro bukuro ~de ~badia-a ~de boka-era-a
 ANPH-SG velho-MASC-SG NEG não.existir-ASSERT.PERF NEG achar-NEG-ASSERT.PERF
 ‘O velho (chegou tarde) não havia nada. Não achou nada.’”
- (11) *ne maniaa tina paina dieyakã.*
~de ~badia-a ti~da pa~ida die-ya~ka
 NEG não.existir-ASSERT.PERF ANPH-PL ALT-NOM:PL cachorro-PL-DIM
 ‘Não havia (não encontrou nenhum daqueles outros) cachorrinhos.’”
- (12) *ãta yoa, kãiro dierokã paritarore, paritaro hiritarore, mumbu’asu) thutia.*
~a-ta yoa ~ku-iro die-ro~ka pari-taro-re
 então-REF fazer um- NOM:SG cachorro-SG-DIM lago-CLS:lago-OBJ
- pari-taro hi-ri-taro-re ~bubu-bu’a~su thuti-a*
 lago-CLS:lago COP-NOM-CLS:lago-OBJ correr-MOV.p/baixo-chegar latir-ASSERT.PERF
 ‘Enquanto isso, o cachorrinho correu descendo até um lago, um lago assim, (e) latiu.’”
- (13) *“cho! õita hinokabokapa” ni, tiro bukuro ni.*
cho ~o-i-ta hi~doka-bo-kapa ~di
 Epa! DEIC:PROX-LOC-REF COP-COMPL-DUB-PREDICT dizer
- ti-ro bukuro ~di*
 ANPH-SG velho-MASC-SG dizer
 “‘Epa! Talvez esteja aqui,” disse, o velho disse.’”
- (14) *ñubu’aa. ñubokaa.*
~yu-bu’a-a ~yu-boka-a
 ver-MOV.p/baixo-ASSERT.PERF ver-achar-ASSERT.PERF
 ‘Olhou para baixo. Espreitou (o cachorro).’”
- (15) *to-pu phinorowru tiro dierokãre ña’akhoãa.*
to-pu ~phido-ro-wru ti-ro die-ro~ka-re ~ya’a~khoa-a
 REM-LOC cobra-SG-AUG ANPH-SG cachorro-SG-DIM-OBJ pegar-enrolar-ASSERT.PERF
 ‘Ali, uma cobra giganteestava enrolada no cachorrinho.’”
- (16) *dierore chubwororopu nia.*
die-ro-re chu-buro-ro-pu ~di-a
 cachorro-SG-OBJ comer-MOV.p/baixo-(3)SG-EMP PROG-ASSERT.PERF
 ‘Já estava engolindo o cachorro.’”
- (17) *õ paritaroi õse hirikumũkã, õ parikumũkã himupa.*
~o pari-taro-i ~o-se hi-ri~kubu~ka
 DEIC:PROX lago-CLS:LAGO-LOC DEIC:PROX-ser.assim COP-NOM-tronco-DIM

- (26) *yoatap# ch#b#rorop## nia.*
yoa-ta-p# ch#-buro-ro-p## ~di-a
 fazer-REF-LOC comer-MOV.p/baixo-SG-EMP PROG-ASSERT.PERF
 ‘(A cobra) já estava engolindo (o coitado do cachorro).’
- (27) *to dapudi'ta bahu.*
to dapu-di'ta bahu-a
 3SG.POSS cabeça-SOL estar.visível-ASSERT.PERF
 ‘Só a cabeça (do cachorro) estava visível.’
- (28) *ã yo tiro phichak# kh#aa.*
~a yo ti-ro phicha-k# kh#a-a
 então fazer ANPH-SG atirar-CLS:árvore ter-ASSERT.PERF
 ‘Então, ele (o velho) tinha uma espingarda.’
- (29) *phanop# makad# ti ñosadi'od# hiati hire, wi'o.*
~phado-p# ~baka-d# ti ~yosa-di'o-d#
 ser.antes-LOC origem-CLS:cilíndrico ANPH forçar.dentro-partículas-CLS:cilíndrico
hi-ati hi-re wi'o
 COP-IMPERF COP-VIS.PERF.2/3 CONTR
 ‘Era de antigamente, o tipo que enfiava o chumbo dentro, certo?’
- (30) *phichayapari ñosadi'o phichay#k#re.*
phicha-yapa-ri ~yosa-di'o phicha-y#k#re
 atirar-semente-PL forçar.dentro-partículas atirar-árvore-CLS:GENERIC
 ‘Uma espingarda com chumbo dentro.’
- (31) *t# ba'ro titere ba'rome're,*
t# ba'ro ti-tere ba'ro~be're
 pau tipo ANPH-velho tipo-COM/INST
 ‘Com esse tipo (de espingarda), esse tipo antigo . . .’
- (32) *s# tirore phichaba'a yoaa.*
~s# ti-ro-re phicha-ba'a yoa-a
 chegar ANPH-SG-OBJ atirar-fazer.depois fazer-ASSERT.PERF
 ‘Chegou (na cobra) e atirou.’
- (33) *to dapu waroi phichawa'arokaa.*
to dapu waro-i phicha-wa'a-roka-a
 3SG.POSS cabeça EMPH-LOC atirar-ir-DIST-ASSERT.PERF
 ‘A sua cabeça explodiu.’
- (34) *to phichach#ta, phinorow#r# tirore chower#kaa.*
to phicha-ch#ta ~phiro-ro-w#r# ti-ro-re chowe-r#ka-a
 DEF atirar-SW.REF-REF cobra-SG-AUG ANPH-SG-OBJ vomitar-começar-
 ASSERT.PERF
 ‘Quando (o velho) atirou, a cobra começou a vomitá-lo (o cachorro).’
- (35) *a'riase siöm# wihatanokaa, phiridaw#r#ta.*
a'ri-a-se ~sio~b# wiha-ta~doka-a
 DEM:PROX-NOM-ser.assim deslizar-correr MOV.p/fora-vir-COMPL-ASSERT.PERF

- phi-ri-da-w#r#-ta*
 ser.grande-NOM-CLS:filiforme-AUG-REF
 ‘Veio deslizando rapidamente para fora (do buraco), tipo uma corda grande.’
- (36) *õparithu kas# phirota sañoa masaro yoarose phinorow#r#.*
~o-pa-ri-thu kas# phi-ro-ta ~sayo-a
 DEIC:PROX-ALT-NOM-CLS:empilhado deitar ser.grande-SG-REF gritar-ASSERT.PERF
~basa-ro yoa-ro-se ~phido-ro-w#r#
 gente-SG fazer-SG-ser.assim cobra-SG-AUG
 ‘Deitado empilhado assim, a cobra enorme gritou alto feito uma pessoa.’
- (37) *to sañod# tamaniaboraach# p# diabuip# pairo sañoro koataa.*
to ~sayo-d#ta~badia-bora-a-ch#
 3SG.POSS gritar-barulho-não.existir-cair-PL-SW.REF
p# dia-bui-p# pa-iro ~sayo-ro koa-ta-a
 LOC rio-rio.acima-LOC ALT-NOM:SG gritar-SG NON.VIS-vir-ASSERT.PERF
 ‘No final de seu grito, de longe rio acima, um outro gritou (ouviram).’
- (38) *y# tiro koataa.*
y# ti-ro koa-ta-a
 responder-SG NON.VIS-vir-ASSERT.PERF
 ‘(Era) uma resposta (ouviram).’
- (39) *masaro pisuro yoarose, pa hierara tiro.*
~basa-ro pisu-ro yoa-ro-se pa hi-era-ra ti-ro
 gente-SG gritar-SG fazer-SG-ser.assim ALT COP-NEG-VIS.IMPERF.2/3 ANPH-SG
 ‘Um grito feito uma pessoa, mas ele (o que gritava) não era (humano).’
- (40) *tiro bukuro yairobukuri hia, wi’owihĩ yoariroba’ro.*
ti-ro buk-u-ro yai-ro-buk-u-ri hi-a
 ANPH-SG velho-MASC-SG pajé-SG-velho-MASC-NOM(INFER) COP-ASSERT.PERF
~wi’o~wihi yoa-ri-ro-ba’ro
 capí-engerir fazer-NOM-SG-tipo
 ‘O velho (parece) era um tipo de pajé, o tipo que come capí.’ (Por isso reconheceu que não era uma cobra normal).
- (41) “*pa hierara.*”
pa hi-era-ra
 ALT COP-NEG-VIS.IMPERF.2/3
 “‘Não é (cobra normal)!’”
- (42) “*a’riro pairo ba’ro hira*” *nia.*
a’ri-ro pa-iro ba’ro hi-ra ~di-a
 DEM:PROX-SG ALT-NOM:SG tipo COP-VIS.IMPERF.2/3 dizer-ASSERT.PERF
 “‘Esse é algum outro tipo de ser,’ disse.”
- (43) “*ñairo pairoba’ro hira a’riro.*”
~ya-iro pa-iro-ba’ro hi-ra a’ri-ro
 ser.ruim-NOM:SG ALT-NOM:SG-tipo COP-VIS.IMPERF.2/3 DEM:PROX-SG
 “‘Esse é algum outro tipo ruim.’”

- (44) “to hiriro a’riro soro hira” ni, tirore top~~u~~rota phichanamoatoa.
to hi-ri-ro a’ri-ro soro hi-ra ~di
 REM COP-NOM-SG DEM:PROX-SG ser.diferente COP-VIS.IMPERF.2/3 dizer
ti-ro-re to-p~~u~~-ro-ta phicha~dabo-a-toa
 ANPH-SG-OBJ DEF-LOC-SG-REF atirar-REP-AFFEC-fazer.de.novo
 “E lá tem outro desse ser diferente,” disse (e) atirou (na cobra) de novo.’
- (45) wahānokaa.
~waha~doka-a
 matar-COMPL-ASSERT.PERF
 ‘Matou-o.’
- (46) du’teta khoārokaa.
du’t~~e~~-ta ~khoa-roka-a
 cortar-separar jogar-DIST-ASSERT.PERF
 ‘Cortou em pedaços (e) os jogou longe.’
- (47) tiro dierore wahawa’aka’a so’ō p~~u~~ nārikopa sa’a, yakh~~u~~’ānokaa.
ti-ro die-ro-re waha-wa’a-ka’a ~so’o-ba’ro-p~~u~~
 ANPH-SG cachorro-SG-OBJ arrastar-ir-MOV.cont DEIC:DIST-ser.depois-LOC
~ya-ri-kopa sa’a ya~kh~~u~~’a~doka-a
 ser.ruim-NOM-hole cavar enterrar-deitar-COMPL-ASSERT.PERF
 ‘Arrastou o cachorro logo ali, cavou um buraco feio (e) enterrou-(o).’
- (48) thuaa potota te w~~u~~’u-p~~u~~.
thua-a poto-ta te w~~u~~’u-p~~u~~
 retornar-ASSERT.PERF direção-REF até casa-LOC
 ‘Retornou direto para casa.’
- (49) tu’s~~u~~roka’a tiro nia: “pairoba’aro mari wahāi” ni.
tu’s~~u~~-ro-ka’a ti-ro ~di-a
 acabar-SG-MOV.cont ANPH-SG dizer-ASSERT.PERF
pa-iro-ba’ro ~bari ~waha-i ~di
 ALT-NOM:SG-tipo 1PL.INC matar-VIS.PERF.1 dizer
 ‘Chegando ele disse: “Matamos algum tipo diferente (mágico) de cobra,” disse.’
- (50) korida’rea, m~~u~~’noro phid~~u~~, ōpad~~u~~w~~u~~’r~~u~~ yoaa.
ko-ri-da’re-a ~b~~u~~’do-ro phi-d~~u~~
 benzer-NOM-fazer-ASSERT.PERF tabaco-SG ser.grande-CLS:cilíndrico
~o-pa-d~~u~~-w~~u~~’r~~u~~ yoa-a
 DEIC:PROX-ALT-CLS:cilíndrico-AUG fazer-ASSERT.PERF
 ‘Para se benzer, fez um charuto grande, grande assim.’
- (51) basakoriti hu yoaa, phutipphayo, to pho’nakhure phutipphayo.
basa-ko-ri-ti hu yoa-a phuti-phayo
 cantar-benzer-NOM-VBZ fumaça fazer-ASSERT.PERF soprar-espalhar
to ~pho’da~khu-re phuti-phayo
 3SG.POSS filhos-ADD-OBJ soprar-espalhar
 ‘Se benzeu, soprando fumaça (em si e) soprou os filhos também.’

- (52) *tu'su, ti ñamire hi'na kha'ãropure tirore ya'ua.*
tu'su ti ~yabi-re ~hi'da ~kha'a-ro-pu-re ti-ro-re ya'u-a
 acabar ANPH noite-OBJ EMPH sonhar-SG-LOC-OBJ ANPH-SG-OBJ advertir-ASSERT.PERF
 'Quando acabou, naquela mesma noite ele foi advertido num sonho.'
- (53) *sña to ka'ai bñenete khñanaka, bñeayukñri khñariro.*
~su-a to ka'a-i bñe~dete khñ-a~daka
 chegar-ASSERT.PERF 3SG.POSS ser.perto-LOC arco ter-estar.junto

bñe-a-yukñ-ri khñ-a-ri-ro
 flecha-PL-árvore-PL ter/carregar-NOM-SG
 '(A cobra-pai) chegou ao seu lado carregando (armado com) arco e flecha.'
- (54) *mñmñmahasñ tirore sinitua: "mñ'u ññerari yñ makñre?"*
~bñbñ~baha~su ti-ro-re ~situdu-a
 correr-MOV.p/cima-chegar ANPH-SG-OBJ perguntar-ASSERT.PERF

~bñ'u ~yñ-era-ri yñ ~bak-u-re
 2SG ver-NEG-INT 1SG.POSS filho-MASC-OBJ
 'Veio correndo até ele (o homem) e perguntou: "Você não viu meu filho?"'
- (55) *"wahãrokari hire wa'ikinawahãro wa'arirore, pu-wa'ikinawahãro wa'arirore."*
~waha-roka-ri hi-re wa'i~kida~waha-ro
 matar-DIST-NOM(INFER) COP-VIS.PERF.2/3 animal-PL-matar-(3)SG

wa'a-ri-ro-re pu wa'i~kida~waha-ro wa'a-ri-ro-re
 ir-NOM-SG-CLS:GENERIC LOC animal-PL-matar-(3)SG ir-NOM-SG-CLS:GENERIC
 "'(Parece que) ele morreu/foi morto quando estava caçando, enquanto estava caçando longe.'"
- (56) *"yñ makñre wahãrokari hire" nia.*
yñ ~bak-u-re ~waha-roka-ri hi-re ~di-a
 1SG.POSS filho-MASC-OBJ matar-DIST-NOM(INFER) COP-VIS.PERF.2/3 dizer-ASSERT.PERF
 "'Meu filho está/foi morto," disse.'
- (57) *"ññera ti masieraka yñ'u" nia tirose'e.*
~yñ-era ti ~basi-era-ka yñ'u ~di-a ti-ro-se'e
 ver-NEG ANPH saber-NEG-ASSERT.IMPERF 1SG dizer-ASSERT.PERF ANPH-SG-CONTR
 "'Eu não vi, não sei (de nada)," disse o outro (o velho).'
- (58) *"ne topñre tipñre tinieraha" ninokaa.*
~de to-pñ-re ti-pñ-re ~tidi-era-ha ~di~doka-a
 NEG REM-LOC-OBJ ANPH-LOC-OBJ andar-NEG-VIS.IMPERF.1 dizer-COMPL-ASSERT.PERF
 "'Nunca caço naquele lugar," ele insistiu.'
- (59) *"ã yoakñ yñ'u tirore wahãkha'mai tai niha," nia tiro.*
~a yoa-kñ yñ'u ti-ro-re ~waha~kha'ba-i
 então fazer-(1/2)MASC 1SG ANPH-SG-OBJ matar-querer-(1/2)MASC

ta-i ~di-ha ~di-a ti-ro
 vir-(1/2)MASC PROG-VIS.IMPERF.1 dizer-ASSERT.PERF ANPH-SG
 "'Então, venho vingá-lo," disse ele (a cobra-pai).'

- (60) *ni ba'aro hi'na, "õp# wa'ari hire."*
 ~di **ba'a-ro** ~hi'da ~o-p# **wa'a-ri** **hi-re**
 dizer fazer/ser.depois-SG EMPH DEIC:PROX-LOC ir-NOM(INFER) COP-VIS.PERF.2/3
 'Dizendo depois, "Ele foi por aqui (parece)."
- (61) *"tiro ñ#i wa'aha" ni, m#y#d#wawa'aa.*
ti-ro ~y#-i **wa'a-ha** ~di ~b#-y#d#w-wa'a-a
 ANPH-SG ver-(1/2)MASC ir-VIS.IMPERF.1 dizer correr-INTENS-ir-ASSERT.PERF
 "'Vou procurá-lo," (o cobra-pai) disse (e) foi correndo embora.'
- (62) *tiro b#k#ro top#rota hi'na khaniwa'kãa*
ti-ro **b#k#-u-ro** **to-p#-ro-ta** ~hi'da ~khadi~wa'ka-a
 ANPH-SG velho-MASC-SG DEF-LOC-SG-REF EMPH dormir-acordar-ASSERT.PERF
 'O velho logo acordou.'
- (63) *basar#katanamo th# 'othuyosa wa'anokaa.*
basa-r#ka-ta~dabo **th# 'o-thu-yosa** **wa'a~doka-a**
 benzer-começr-REF-REP escutar-pensar-deitar ir-COMPL-ASSERT.PERF
 'Começou a se benzer de novo (e) ficou deitado pensando.'
- (64) *ã yo bo'rero to pho'nare ya'ua hi'na:*
 ~a **yo bo're-ro** **to** ~pho'da-re **ya'u-a** ~hi'da
 então fazer estar.claro-SG 3SG.POSS filhos-OBJ contar/advertir-ASSERT.PERF EMPH
 'Então, de manhã, aconselhou os filhos.'
- (65) *"ahiriro hiri hire."*
ahi-ri-ro **hi-ri** **hi-re**
 preocupar-NOM-SG COP-NOM(INFER) COP-VIS.PERF.2/3
 "'(Parece que) é um ser preocupante/perigoso.'"
- (66) *"wakūmasiga tore. wakūmasiga tore."*
 ~waku~basi-ga **to-re** ~waku~basi-ga **to-re**
 ter.cuidado/atenção-saber-IMPER REM-OBJ ter.cuidado/atenção-saber-IMPER REM-OBJ
 "'Vocês devem ter cuidado lá, devem ter cuidado.'"
- (67) *"ne michakākāre waeraatiga khuārire" tiro nia.*
 ~de ~bicha~ka~ka-re **wa'a-era-ati-ga** **khua-ri-re** **ti-ro** ~di-a
 NEG hoje-DIM-DIM-OBJ ir-NEG-IMPERF-IMPER ter.medo-NOM-CLS:GEN ANPH-SG dizer-ASSERT.PERF
 "'Nunca mais vão naquele lugar perigoso," disse.'
- (68) *a'ri khiti òita phitira.*
a'ri **khiti** ~o-i-ta **phiti-ra**
 DEM:PROX história DEIC:PROX-LOC-REF terminar-VIS.IMPERF.2/3
 'Aqui termina essa história.'

Abreviações

1/2/3	primeira/segunda/terceira	INST	instrumental (caso)
pessoa		INT	interrogativo
ADD	additive	INTENS	intensificador
AFFEC	afetado	INTENT	intento
ALT	alternado	LOC	locativo (caso)
ANAF	anafórico	MASC	masculino
ASSERT	asserção (cat. evidencial)	MOV	movimento
AUG	aumentativo	NEG	negativo
CLS	classificador	NOM	nominalizador
COM	comitativo (caso)	NON.VIS	não-visual (cat. evidencial)
COMPL	completivo	OBJ	objetivo (caso)
CONTR	contrastivo	PERF	perfectivo
COP	cópula	PL	plural
DEF	definido	POSS	possessivo
DEIC	deítico	PREDICT	preitivo
DEM	demonstrativo	PROG	progressivo
DIM	diminutivo	PROX	próximo
DIST	distal	REF	referencial
DUB	dubitativo	REM	remoto
EMPH	enfático	REP	repetitivo
FAV	favoritivo	SG	singular
GEN	genérico	SOL	solitário
IMPER	imperativo	SW.REF	'switch reference'
IMPERF	imperfectivo	VIS	visual (cat. evidencial)
INC	inclusivo		visual (cat. evidencial)
INFER	inferência (cat. evidencial)		

REFERÊNCIAS

1. ANDRELLO, Geraldo, BUCHILLET, Dominique, & AZEVEDO, Marta. 2002. Levantamento Sócio-Econômico, Demográfico e Sanitário de Iauaretê/Centro. São Paulo: Instituto Socioambiental.
2. AIKHENVALD, Alexandra Y. 1999. Areal diffusion and language contact in the Içana-Vaupés basin, North West Amazonia. In *The Amazonian Languages*, eds. Robert M. W. DIXON & Alexandra Y. AIKHENVALD, 385-415. Cambridge: CUP.
3. ——. 2002. *Language Contact in Amazonia*. New York: Oxford University Press.
4. ——. 2006. Serial verb constructions in typological perspective. In *Serial verb constructions. A cross-linguistic typology.*, eds. Alexandra Y. AIKHENVALD & Robert M. W. DIXON, 1-68. Oxford: Oxford University Press.

5. ———. 2007. Semantics and pragmatics of grammatical relations in the Vaupés linguistic area. In *Grammars in contact: a cross-linguistic typology*, eds. Alexandra Y. AIKHENVALD & Robert M. W. DIXON, 237-266. Oxford: Oxford University Press.
6. AMORIM, Antonio Brandão de. 1987. *Lendas em Nheengatu e em Português*. Manaus: Fundo Editorial - ACA.
7. BARNES, Janet. 1996. Autosegments with Three-Way Lexical Contrasts in Tuyuca. *International Journal of American Linguistics* 62:31-58.
8. ———. 2006. Tucanoan languages. In *Encyclopedia of Language and Linguistics, 2nd Ed*, ed. Keith BROWN, 130-142. Oxford: Elsevier.
9. BOSSONG, Georg. 1991. Differential object marking in romance and beyond. In *New Analyses in Romance Linguistics*, eds. D. KIBBEE & D. WANNER, 143-170. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
10. COMRIE, Bernard. 1989. *Language Universals & Linguistic Typology*. Chigago: University of Chicago Press.
11. FOIRN, & ISA. 2005. *Levantamento Socioeconômico, Demográfico e Sanitário da Cidade de São Gabriel da Cachoeira*. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA.
12. ———. 2006. *Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro: Uma Introdução à Diversidade Cultural e Ambiental do Noroeste da Amazônia Brasileira*. Brasília: MEC/SEF.
13. FOLEY, William A., & Olson, Mike. 1985. Clausehood and verb serialization. In *Grammar inside and outside the clause: some approaches to theory from the field*, eds. Johanna NICHOLS and Anthony C. WOODBURY, 17-60. Cambridge: Cambridge University Press.
14. GOMEZ-IMBERT, Elsa. 1991. Force des langues vernaculaires en situation d'exogamie linguistique: le cas du Vaupés colombien, Nord-ouest amazonien. *Cahiers des Sciences Humaines* 27:535-559.
15. ———. 2007-a. Construcciones seriales en tatuyo y barasana (familia tukano): Hacia una tipología de la serialización verbal. In *Lenguas indígenas de América del Sur: Estudios descriptivo-tipológicos y sus contribuciones para la lingüística teórica*, eds. A. ROMERO-FIGUEROA, A. Fernández GARAY & Corbera MORI A., 172-189. Caracas: Ediciones UCAB.
16. ———. 2007-b. Tukanoan nominal classification: the Tatuyo system. In *Language Endangerment and Endangered Languages. Linguistic and anthropological studies*

- with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area*, ed. Leo W. WETZELS, 401-428. Leiden: CNWS Publications.
17. ——. no prelo. *Famille Tukano*. In *Dictionnaire des langues du monde*. Paris: Presses Universitaires de France.
 18. KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 1995. *Dos años entre los indios; viajes por el noroeste brasileño 1903/1905*. V.1. Santafé de Bogotá: Editorial Universidad Nacional. (pub. original: Berlin, 1909).
 19. JACKSON, Jean E. 1983. *The Fish People. Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
 20. MADDIESON, Ian. 2008. Consonant Inventories. In *The World Atlas of Language Structures Online*. eds. M. Haspelmath, M. Dryer, D. Gil, & B. Comrie. Munich: Max Planck Digital Library, ch. 1. <http://wasl.info/feature/1> acc:27/05/09
 21. NEVES, Eduardo. 1988. *Paths in Dark Waters: Archaeology as Indigenous History in the upper Rio Negro Basin, Northwest Amazon*, Indiana University: Ph.d dissertation.
 22. SORENSEN, Arthur P. Jr. 1967. Multilingualism in the Northwest Amazon. *American Anthropologist* 69:670-684.
 23. STENZEL, Kristine. 2005. Multilingualism: Northwest Amazonia Revisited. *Anais do II Congress on Indigenous Languages of Latin America CILLA*, Austin, Texas. http://www.ailla.utexas.org/site/cilla2_toc_sp.html
 24. ——. 2006. As categorias de evidencialidade em Wanano (Tukano Oriental). *Liames* 6:7-28.
 25. ——. 2007-a. Glottalization and other suprasegmental features in Wanano. *International Journal of American Linguistics* 73:331-366.
 26. ——. 2007-b. The Semantics of Serial Verb Constructions in two Eastern Tukanoan languages: Kotiria (Wanano) and Waikhana (Piratapuyo). In *Proceedings of 4th conference on the semantics of under-represented languages in the Americas. University of Massachusetts Occasional Papers 35.*, ed. Amy Rose DEAL, 275-290. Amherst: GLSA.
 27. ——. 2008-a. Kotiria 'differential object marking' in cross-linguistic perspective. *Amerindia*:153-181.
 28. ——. 2008-b. Evidentials and clause modality in Wanano. *Studies in Language* 32:2:404-444.

29. STENZEL, Kristine, & GOMEZ-IMBERT, Elsa. aceito para publicação. Contato Lingüístico e Mudança Lingüística no Noroeste Amazônico: o caso do Kotiria (Wanano). *Revista da ABRALIN*.
30. STROM, Clay. 1992. *Retuarã Syntax: Studies in the Languages of Colombia 3*. Arlington: Summer Institute of Linguistics/University of Texas.
31. WRIGHT, Robin M. 2005. *História Indígena e do Indigenismo no Alto Rio Negro*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Instituto Socioambiental.
32. ZUÑIGA, Fernando. 2007. The discourse-syntax interface in northwestern Amazonia. Differential object marking in Makú and some Tucanoan languages. In *Language Endangerment and Endangered Languages: Linguistic and Anthropological Studies with Special Emphasis on the Languages and Cultures of the Andean-Amazonian Border Area*, ed. Leo W. WETZELS, 209-227. Leiden: Publications of the Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), University of Leiden.

RESUMO: Esse artigo oferece um pequeno perfil tipológico da língua Kotiria (Wanano, família Tukano Oriental), descrevendo tópicos como a) a interação entre segmentos e três supra-segmentos: nasalização, glotalização e tom; b) o sistema de classificação nominal; c) as principais funções semânticas de serializações de raízes verbais; d) a marcação diferencial de objetos (DOM); e e) as categorias de evidencialidade. Cada assunto é exemplificado a partir de uma narrativa, *Um Caçador e Seus Cachorros*, oferecendo ao leitor a oportunidade de observar a ocorrência dos fenômenos lingüísticos em discurso natural e de conhecer um pouco da cultura dos Kotiria.

PALAVRAS-CHAVE: língua Kotiria (Wanano); família Tukano Oriental; evidencialidade; marcação diferencial de objetos (DOM); classificação nominal; serialização de verbos; supra-segmentos.

ABSTRACT: This article offers a brief typological profile of Kotiria (Wanano, Eastern Tukanoan), describing topics such as a) the interaction between segments and three supra-segments: nasalization, glottalization and tone; b) the nominal classification system; c) the principal semantic functions of serial verb constructions; d) differential object marking (DOM); and e) the evidential system. All examples are taken from a single narrative, *A Hunter and His Dogs*, thus offering the reader an opportunity to observe these linguistic phenomena in natural discourse and providing a first glimpse into Kotiria culture.

KEYWORDS: Kotiria (Wanano); Eastern Tukanoan language family; evidentiality; differential object marking (DOM); nominal classification systems; serial verb constructions; phonological suprasegmentals.